



EXPERIÊNCIAS DOCENTES E DISCENTES

## Sou criança, esTOu no hospital: exposição de telas feitas por crianças e adolescentes de uma enfermaria pediátrica

*I'm a child, I am at hospital: exhibition of paintings made by children and adolescents of a pediatric ward*

*Soy un niño, esTOy en el hospital: la exposición de telas hechas por los niños y adolescentes de una enfermería pediátrica*

 Amanda Mota Pacciulio Sposito\*

 Luzia Iara Pfeifer\*\*

 Maria Paula Panúncio-Pinto\*\*\*

### RESUMO

A hospitalização na infância/adolescência separa os sujeitos de seu ambiente e relações habituais, expondo-os muitas vezes a rotinas inflexíveis, pessoas, equipamentos e procedimentos desconhecidos; tratamentos agressivos e assustadores, podendo desencadear sentimentos como angústia, ansiedade, agressividade, passividade, negativismo e medo. O hospital não deve, entretanto, ser apenas espaço de dor e sofrimento, uma vez que também oferece cura e alívio dos sintomas, podendo ainda ser espaço humanizado para realização de atividades lúdicas e prazerosas. Este relato de experiência tem o objetivo de descrever o processo de produção plástica de telas, as quais compuseram uma exposição. As telas foram elaboradas por crianças e adolescentes hospitalizados, durante os atendimentos de Terapia Ocupacional. Propôs-se que os sujeitos expressassem, livremente, o que significa a hospitalização para eles, como se sentem no hospital ou ainda que retratassem algo marcante da internação. Foram disponibilizados materiais diversos, tais como tintas, colas coloridas, pincéis, *glitter*, purpurina, revistas, tesoura, cola, lápis, borracha e régua, além das telas de diferentes tamanhos, possibilitando, assim, a livre criação e expressão, individual e grupal. As treze telas produzidas foram expostas no saguão de entrada do hospital, para visualização pelos visitantes de pacientes e por profissionais de saúde. Foi disponibilizado um caderno para comentários e críticas do público. A maioria das crianças e adolescentes retratou aspectos que consideram positivos na hospitalização. Sentimentos negativos despertados pela internação foram expressos e sugestões de melhorias no ambiente foram relatadas. A experiência relatada propiciou que as crianças e adolescentes se expressassem livremente e se tornassem

\*Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, Brasil. E-mail: [amandamps.to@gmail.com](mailto:amandamps.to@gmail.com).

\*\*Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, Brasil. E-mail: [luziara@fmrp.usp.br](mailto:luziara@fmrp.usp.br).

\*\*\*Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, Brasil. E-mail: [mapaula@fmrp.usp.br](mailto:mapaula@fmrp.usp.br).

sujeitos ativos de seu processo. A exposição favoreceu ainda a interação com os profissionais de saúde, despertando seu olhar para as vivências dos pacientes.

**Palavras-chave:** Criança. Adolescente. Hospitalização. Terapia Ocupacional. Arte. Humanização da Assistência Hospitalar.

## ABSTRACT

Hospitalization can separate children and adolescents from their environment and usual relationships. They are often exposed to inflexible routines, unknown people, equipment, and procedures; aggressive and frightening treatments may trigger negative feelings of anguish, anxiety, aggressiveness, passivity, negativism, and fear. However, the hospital should not only be a space for pain and suffering, it can offer healing and relief from symptoms, and it can also be used to implement humanized, playful, and pleasurable activities. Thus, this experience report aims to describe the plastic production process of canvases, which made up an exhibition. Hospitalized children and adolescents created the screens during Occupational Therapy sessions. The occupational therapist proposed that patients freely express what hospitalization means to them, how they feel in the hospital or even portray something remarkable about the hospitalization. Different materials were made available, such as paints, colored glues, brushes, glitter, glitter, magazines, scissors, glue, pencils, erasers and rulers, and canvases of different sizes, thus enabling free creation and expression, both individually and in a group. The thirteen canvases produced were displayed in the hospital's entrance hall for viewing by visitors to other patients and health professionals. A notebook was made available for public comments and criticism. It observed that most children and adolescents focused, in their productions, aspects that they consider positive of hospitalization. Negative feelings aroused by the hospitalization were expressed and suggestions for improvements in the environment were reported. The reported experience allowed children and adolescents to express themselves freely and become active subjects. The exhibition also favored interaction with health professionals, awakening their gaze on patients' experiences.

**Keywords:** Child. Adolescent. Hospitalization. Occupational therapy. Art. Humanization of Hospital Assistance.

## RESUMEN

La hospitalización separa a los niños y adolescentes de su entorno y de sus relaciones habituales, exponiéndolos muchas veces a rutinas inflexibles; personas, equipos y procedimientos desconocidos; tratamientos agresivos y aterradores, que pueden desencadenar sentimientos negativos de angustia, ansiedad, agresividad, pasividad, negativismo y miedo. Sin embargo, el hospital no sólo debe ser un espacio para el dolor y el sufrimiento, sino que puede ofrecer sanación y alivio de los síntomas, y también puede ser utilizado para la realización de actividades humanizadas, lúdicas y placenteras. Así, este relato de experiencia tiene como objetivo describir el proceso de producción plástica de los lienzos, que componían una exposición. Las pantallas fueron creadas por niños y adolescentes hospitalizados durante sesiones de Terapia Ocupacional. Se proponía que los pacientes expresaran libremente qué significa para ellos la hospitalización, cómo se sienten en el hospital o incluso retratar algo destacable de la hospitalización. Se pusieron a disposición diferentes materiales como pinturas, colas de colores, pinceles, purpurina, purpurina, revistas, tijeras, pegamento, lápices, gomas de borrar y reglas, además de lienzos de diferentes tamaños, permitiendo así la libre creación y expresión, tanto a nivel individual como en Un grupo. Los trece lienzos producidos fueron expuestos en el vestíbulo de entrada del hospital, para ser vistos por los visitantes de otros pacientes y por los profesionales de la salud. Se puso a disposición un cuaderno para comentarios y críticas del público. Se observó que la mayoría de los niños y adolescentes enfocan, en sus producciones, aspectos que consideran positivos de la hospitalización. Se expresaron los sentimientos negativos suscitados por la hospitalización y se relataron sugerencias para mejoras en el ambiente. La experiencia relatada permitió que los niños y adolescentes se expresaran libremente y se convirtieran en sujetos activos de su proceso. La exposición también favoreció la interacción con los profesionales de la salud, despertando su mirada a las vivencias de los pacientes.

**Palabras clave:** Niño. Adolescente. Hospitalización. Terapia ocupacional. Arte. Humanización de la Asistencia Hospitalaria.

## INTRODUÇÃO

O adoecimento pode trazer limitações que extrapolam os sinais e sintomas físicos, enquanto a hospitalização, a qual tem como principal objetivo a melhoria do estado de saúde, pode também acarretar estresse, traumas e comprometimentos no desenvolvimento da criança e do adolescente (PFEIFER; MITRE, 2008).

A hospitalização é considerada uma situação potencialmente traumática, uma vez que separa a criança de seu ambiente e convívio natural, expondo-a a pessoas e equipamentos desconhecidos, rotinas inflexíveis e tratamentos muitas vezes agressivos (BJÖRK; NORDSTRÖM; HALLSTRÖM, 2006). Pode desencadear o surgimento de sentimentos diversos, como angústia, ansiedade, agressividade, passividade, negativismo e medo diante de uma situação desconhecida ou ameaçadora e pode, ainda, provocar alterações no desenvolvimento e comprometer o processo de interação com as pessoas e com o meio (FURTADO; LIMA, 1999; MITRE; GOMES, 2007; TAKATORI; OSHIRO; OTASHIMA, 2004).

Buscando viabilizar uma atenção digna e integral, o Ministério da Saúde apresentou o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), procurando integrar o cuidado embasado nos avanços técnico-científicos, com o comportamento ético e acolhedor dos profissionais, visando unir diferentes formas de atendimento e de trabalho que preservem o contato pessoal, estimulem o desenvolvimento de competências relacionais e de respeito aos usuários como indivíduos singulares e autônomos (BRASIL, 2001). A partir desta proposta, os profissionais de saúde devem favorecer as condições de crescimento, desenvolvimento e equilíbrio emocional da criança e adolescente hospitalizados (MORAES; BUFFA; MOTTI, 2009), contribuindo para seu bem-estar físico e emocional (AZEREDO *et al.*, 2004).

Quando o cuidado da criança hospitalizada é pensado a partir de uma perspectiva de atenção integral, o trabalho da equipe de saúde não deve se limitar às terapias medicamentosas ou às técnicas de reabilitação (LEMOS; LIMA; MELLO, 2004; MITRE; GOMES, 2007). As intervenções devem ser conduzidas por um conhecimento que contemple as necessidades que os sujeitos apresentam, considerando-se suas características singulares, seu envolvimento afetivo e o período de desenvolvimento psicossocial no qual se encontram (QUIRINO, 2011).

A atuação terapêutica ocupacional junto à população pediátrica hospitalizada contribui para a saúde da criança e do adolescente adoecidos em seu sentido amplo, considerando-se não somente a patologia ou a causa primária que os levou até o hospital (TAKATORI; OSHIRO; OTHASHIMA, 2004), mas também as repercussões do adoecimento no cotidiano. O terapeuta ocupacional, dentro de uma equipe multiprofissional de saúde em ambiente hospitalar, visa minimizar os fatores estressantes, favorecendo o desempenho ocupacional de acordo com a faixa etária (GRIGOLATTO *et al.*, 2008). Este profissional busca, ainda, dar voz às crianças e adolescentes, desenvolvendo uma prática de saúde atenta e voltada às suas necessidades particulares, entendendo os mesmos como pessoas ainda em desenvolvimento, mas que podem ser participantes ativos de seu processo.

Intervenções relacionadas às artes plásticas contribuem para minimizar o impacto negativo da hospitalização (que acarreta vivências de dor, desconforto, rigidez de rotina e ociosidade), propiciando situações de alegria, bem-estar, atividade e espontaneidade (VALLADARES; SILVA, 2011).

Com o objetivo de criar um espaço de livre expressão de crianças e adolescentes internados em uma enfermaria pediátrica, bem como propiciar a interação entre os mesmos e a

comunidade que atua e/ou visita o hospital, favorecendo ainda a compreensão da sociedade acerca da realidade vivenciada na hospitalização, foi proposta e realizada a exposição de telas “Sou criança, esTOu no hospital”, a qual será detalhada neste relato de experiência.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

A exposição ocorreu no mês de outubro, em comemoração ao Dia das Crianças e ao Dia do Terapeuta Ocupacional. Foi implementada pelo serviço de Terapia Ocupacional (TO) da Enfermaria de Pediatria de um Hospital Geral, de nível terciário do Sistema Único de Saúde (SUS), localizado em uma cidade do interior do estado de São Paulo, em parceria com o curso de TO de uma Universidade pública da mesma cidade.

As telas foram produzidas por crianças e adolescentes que estiveram internados na Enfermaria de Pediatria do referido hospital, utilizando como linguagem plástica a pintura, o desenho e/ou a colagem. Durante os atendimentos, a terapeuta ocupacional da enfermaria pediátrica propôs aos usuários a produção de telas, sugerindo como temas: o significado da hospitalização para eles; os sentimentos despertados pelo contexto hospitalar; algo marcante da internação. Foram disponibilizados materiais diversos, como telas de diversos tamanhos, tintas, colas coloridas, pincéis, *glitter*, purpurina, revistas, tesoura, cola, lápis, borracha e régua, visando à livre criação e expressão, tanto individualmente quanto em grupo.

As crianças e adolescentes que participaram desta exposição apresentam, em sua maioria, doenças crônicas (tais como câncer, fibrose cística, lúpus e síndrome do intestino curto) e, portanto, necessitam de internações recorrentes e/ou de longa duração. Apenas duas crianças encontravam-se em uma internação curta, sendo uma para retirada de tumor benigno e outra para investigação de puberdade precoce.

Esta prática resultou em treze telas, as quais ficaram expostas no saguão de entrada de funcionários e visitantes do referido hospital, durante um período de treze dias. Os títulos das telas foram criados a partir da explicação que as próprias crianças e adolescentes deram acerca do que quiseram retratar.

A maioria das crianças e adolescentes retratou, em suas produções, aspectos que consideram positivos da hospitalização, tais como os atendimentos de TO que ocorreram no pátio externo do hospital (Figura 1); e a existência da classe hospitalar, usada para aulas e atividades lúdico pedagógicas (Figura 2). Destaca-se que há aspectos positivos apresentados pelas crianças e adolescentes são decorrentes da “Humanização Hospitalar”, implementada por diferentes profissionais da equipe de saúde e pela administração da instituição, tais como a festa de Dia das Crianças (Figura 3); a possibilidade de levar para o hospital um objeto pessoal, de grande apego para a criança, como um bicho de pelúcia (Figura 4); as pinturas e desenhos das paredes (Figura 5); e as intervenções da “Companhia do Riso” (Figura 6), com músicas e brincadeiras desempenhadas por personagens *Clowns*. Uma criança compartilhou ainda, a partir de sua produção, a felicidade que sentiu ao enxergar novamente, o que só foi possível devido ao tratamento realizado no hospital (Figura 7).

**Figura 1 —** Terapeuta ocupacional no pátio externo do hospital.



**Fonte:** Tela produzida por G., sexo feminino, 10 anos.

**Figura 2 —** Classe hospitalar.



**Fonte:** Tela produzida por R., sexo masculino, 11 anos.

**Figura 3 — Festa do Dia das Crianças.**



**Fonte:** Tela produzida por V., sexo masculino, 10 anos.

**Figura 4 — Luizinho, o leão de pelúcia.**



**Fonte:** Tela produzida por C., sexo feminino, 12 anos.

**Figura 5** — Pintura da parede do quarto do hospital ganha vida.



Fonte: Tela produzida por V., sexo masculino, 12 anos.

**Figura 6** — Homenagem aos “palhacinhos” da Cia. do Riso.



Fonte: Tela produzida por J., sexo feminino, 16 anos.

**Figura 7 — O inesquecível jogo do Palmeiras, após voltar a enxergar.**



**Fonte: Tela produzida por A., sexo masculino, 10 anos.**

Expressões de aspectos negativos da hospitalização foram percebidas, tais como o tédio (Figura 8) e o ócio (Figura 10). Uma criança expressou ainda que gosta de se relacionar com sua médica apenas em ambiente extra-hospitalar (Figura 9). Houve crianças e adolescentes que aderiram à sugestão de manifestarem em suas produções plásticas o que gostariam de encontrar no hospital, e referiram desejos por atendimentos de TO aos finais de semana (Figura 10); disponibilização de videogames (Figura 11) e de computadores para uso livre (Figura 12), evidenciando que, embora adoecidos, essas crianças e adolescentes dão grande importância ao brincar e ao lazer.

**Figura 8 — Tédio.**



**Fonte: Tela produzida por F., sexo masculino, 15 anos.**

**Figura 9** — Gosto da minha médica, mas fora do hospital.



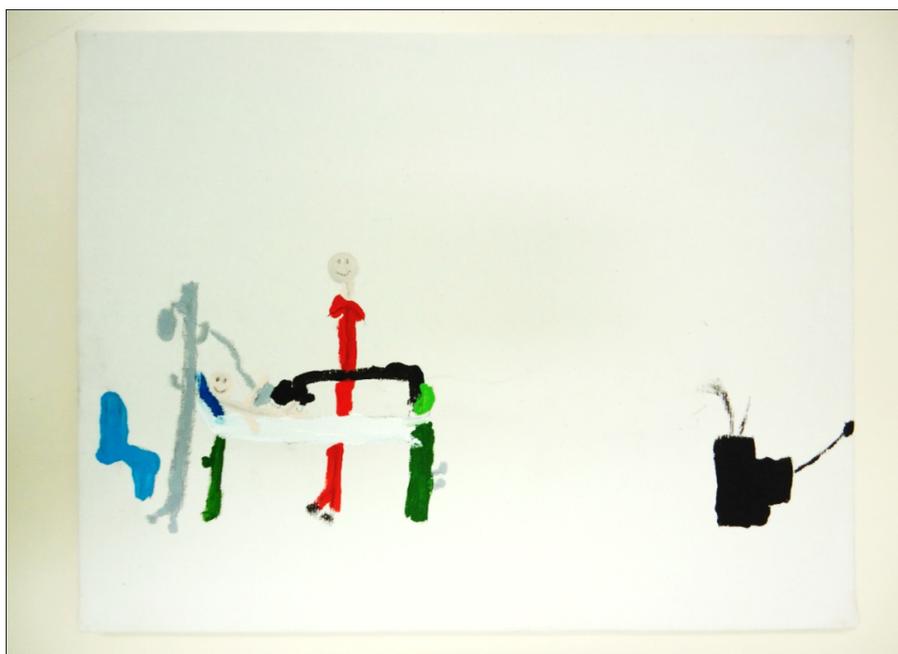
**Fonte:** Tela produzida por E., sexo feminino, 11 anos.

**Figura 10** — “Aos finais de semana, no hospital, o tempo não passa. Não pode ter TO também no fim de semana?”.



**Fonte:** Tela produzida por R., sexo masculino, 11 anos.

**Figura 11 — Eu, a veia, a cama, meu pai e o videogame.**



**Fonte: Tela produzida por F., sexo masculino, 7 anos.**

**Figura 12 — Sala de informática.**



**Fonte: Tela produzida por J., sexo feminino, 16 anos.**

Por fim, uma tela maior foi preenchida em grupo, por três pacientes, com pinturas e colagens (Figura 13) que representaram a vida, a qual, na opinião e dizeres dos autores, é “enorme e colorida” e vale a pena ser vivida apesar das dificuldades que vêm enfrentando, o que demonstra uma reflexão de grande resiliência.

Figura 13 — “A vida é enorme... e colorida!”.



Fonte: Tela produzida por V., sexo masculino, 10 anos; C., sexo masculino, 14 anos; J., sexo feminino, 16 anos.

Buscando possibilitar uma interação dos autores expositores com o público, foi disponibilizado um caderno para que os visitantes pudessem registrar, livremente, seus comentários e sugestões. A seguir são apresentados trechos significativos encontrados neste caderno:

Lindos, apaixonante, sensível.

[...] O desenho é uma ótima e terapêutica forma de expressão das emoções.

Vi pinturas lindas, com alegria e tristeza também, porém até mesmo no tédio do F. há força e beleza. A veia do F. e o videogame são de extrema realidade. O amor do A. pelo Palmeiras deixou a TV verde! Parabéns a todas as crianças, que tiraram do seu interior essas riquezas para que nós pudéssemos vê-las.

[...] é de extrema importância ouvi-los e deixá-los dizer o que sentem para melhorar cada vez mais a qualidade de vida dentro do hospital [...].

O trabalho de vocês é lindo e pode mostrar o que está além do físico!

Apenas: estive aqui... vida!

Estou muito emocionada. A correria do dia a dia nos faz esquecer da beleza da vida e do trabalho com a vida dessas crianças [...].

Após o término da exposição, os comentários dos visitantes foram lidos para as crianças e adolescentes que ainda se encontravam internados, a fim de propiciar uma devolutiva da comunidade para as suas obras, bem como favorecer sua autoestima e validação de sentimentos.

Assim, é possível pensar que a produção plástica resultante dessa proposta, enquanto intervenção terapêutica ocupacional, permitiu mais do que a interação com a comunidade através da exposição, mais do que a livre criação e a expressão de sentimentos e pensamentos sobre a hospitalização para esses sujeitos, levando também à reflexão acerca das possibilidades de transformação — do cotidiano, de atitudes, do corpo — que tal atividade, mediada por um terapeuta ocupacional, pode apresentar.

## DISCUSSÃO

O hospital não é um ambiente apenas de dor e sofrimento, havendo também oportunidades para a realização de atividades lúdicas e pedagógicas (LIMA *et al.*, 2009). Como apresentado no estudo de Sposito *et al.* (2018), as crianças e adolescentes expressaram em suas produções plásticas que os aspectos positivos da hospitalização se relacionam com oportunidades de vivências lúdicas.

O brincar pode assumir, para as crianças hospitalizadas, as funções de distração dos procedimentos e rotina hospitalares; desvio de pensamentos acerca da doença; alívio para o ócio e tédio; símbolo de familiaridade; e possibilidades de vivências positivas (ALDISS *et al.*, 2009; CICOGNA, 2009). Foi exatamente o que encontramos nos desejos dos autores destas telas, que gostariam de ter mais recursos lúdicos disponíveis, para minimizar aspectos e sentimentos negativos intensificados na internação. Enfatizou-se o desejo por jogos virtuais, em recursos como videogames e computadores, os quais também foram os preferidos das crianças hospitalizadas entrevistadas por Sposito *et al.* (2018).

Além das brincadeiras, os autores/artistas valorizaram também os aspectos positivos das ações de “Humanização Hospitalar”, como as festas em datas comemorativas, as quais aproximam o cotidiano da internação ao vivenciado no contexto extra-hospitalar; ambientação do espaço, tornando-o menos ameaçador e mais acolhedor e lúdico; a possibilidade de trazer para o hospital objetos de apego, favorecendo o enfrentamento emocional da hospitalização; e as intervenções da “Companhia do Riso”. Esta trupe é formada por estudantes de graduação em Enfermagem, caracterizados como personagens *Clowns*, que misturam técnicas de teatro e dramatizações com cantigas de roda, mágicas, danças e jogos infantis, com o objetivo de resgatar o riso da criança e adolescentes hospitalizados, assim como de seus familiares e de membros da equipe de saúde (LIMA *et al.*, 2009).

Expressar aspectos da hospitalização, através da produção de telas, reflete um investimento para além da funcionalidade: neste caso a atenção volta-se à subjetividade, um olhar para as necessidades, desejos e possibilidades desses sujeitos, favorecendo a emergência de emoções e sentimentos, permitindo a compreensão a partir de seu contexto e dos diferentes âmbitos em que atuam e se relacionam (LIBERMAN, 2002). O cotidiano das crianças e adolescentes, no momento da produção das telas, estava marcado pela hospitalização, entretanto, é possível perceber que estes expressaram, em suas produções, de forma às vezes concreta, às vezes subjetiva, necessidades pessoais e, de modo geral, o desejo de um cotidiano o mais próximo possível do habitual fora do Hospital, representado por festas, aulas, diversão...

Por meio das atividades lúdicas a criança pode comunicar frustração, raiva, medo e ansiedade; adquirir um senso de controle da situação; expressar seus sentimentos e pensamentos (FRANÇANI *et al.*, 1998; GARIÉPY; HOWE, 2003); testar e desenvolver suas habilidades; além de ser estimulada em sua criatividade, iniciativa e autoconfiança (PEDROSA *et al.*, 2007). Assim, o brincar passa a ser promovido como um recurso terapêutico, capaz não só de favorecer a continuidade do desenvolvimento infantil, como também de contribuir para que a criança hospitalizada elabore e enfrente o momento específico em que vive (GOMES, 2011). No caso desse estudo, a atividade lúdica proposta foi a confecção de telas, as quais podem ainda ser consideradas produções artísticas, que visaram atingir todos os objetivos citados acima.

A arte, como forma de expressão e comunicação, é um processo natural por meio do qual a criança comunica o que sente, o que pensa e a maneira como vivencia e percebe o mundo, processo que ocorrerá de acordo com seu desenvolvimento emocional, mental, psíquico e perceptual. Nas expressões artísticas, as pessoas expõem a si mesmas, permitindo aflorar todo o seu contexto social, suas percepções sobre o mundo, sua identidade e sua imaginação (VALLADARES; SILVA, 2011).

Desta forma, os processos de subjetivação, como em produções artísticas, possuem caráter cultural e político (LIBERMAN, 2002). Em termos culturais, deve-se reconhecer que o fazer humano é pura manifestação da cultura, e que nesse sentido terapeutas ocupacionais, ao trabalhar com a subjetivação, considerando o contexto do sujeito que realiza a atividade, trabalham diretamente com a cultura (ALMEIDA, 2004) representada, nas telas, pelo futebol e pela televisão. Considerando os aspectos políticos, pode-se ressaltar que as crianças e adolescentes autores das telas apresentaram reivindicações, aqui consideradas como a expressão concreta de seus desejos por fazeres interrompidos pelo adoecimento e/ou hospitalização.

Sarmiento (2011) refere que, em nossa sociedade, as crianças permanecem excessivamente afastadas dos núcleos centrais de decisão sobre aspectos que influenciam suas vidas e que esse afastamento é expressão da dominação adulta. Para quebrar esse ciclo de controle, é necessário dar voz às crianças, o que não precisa ocorrer necessariamente através da fala, mas também a partir de produções gráficas (SARMENTO, 2011), conforme foi feito neste estudo, propiciando sua livre expressão a partir de desenhos, colagens, pinturas, os quais reforçaram a condição de crianças e adolescentes enquanto sujeitos ativos, que se expressam, solicitam, conscientizam-se.

Os desenhos das crianças são atos comunicativos e, portanto, exprimem bem mais do que a representação de uma realidade exterior, sendo carregadas de significados (SARMENTO, 2011). A representação, chamada de simbólica, decorrente de trabalhos artísticos, como as produções das telas que foram expostas, é percebida como uma atividade complexa, elaborada e reveladora, a qual propicia inúmeras maneiras de se perceber e de se ver o mundo (VALLADARES; SILVA, 2011).

O terapeuta ocupacional que deseja atuar com crianças hospitalizadas deve reunir conhecimentos que lhe ajudem a compreender a experiência da doença e os sentimentos gerados pela hospitalização (WAVREK, 2000). O presente relato de experiência apresenta elementos importantes para avançar na compreensão das vivências decorrentes da hospitalização infantil, bem como potencialidades e fragilidades deste processo.

Na formação de grande parte dos profissionais da saúde, há o predomínio da lógica biologicista de atenção ao paciente, na qual o corpo é visto como o objeto de intervenção (SILVA *et al.*, 2015). Uma atuação voltada exclusivamente para o adoecimento e seus sintomas, desumaniza a equipe de saúde e, aos poucos, favorece a perda da noção da individualidade e

da subjetividade dos sujeitos atendidos. A partir dos registros no caderno de visitantes da exposição montada no hospital, percebe-se que esta intervenção contribuiu para despertar a sensibilidade dos profissionais para apreender a realidade vivenciada pelas crianças e adolescentes hospitalizados. Acredita-se que, a partir de um olhar mais sensível, os profissionais poderão desempenhar práticas mais empáticas e humanizadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o presente relato de experiência tenha contribuído para revelar sentimentos, opiniões, desejos etc., de crianças e adolescentes hospitalizados. Tal prática, além de ser mostrar efetiva para dar voz aos autores das telas, transformando-os em sujeitos ativos e participativos socialmente, traz ainda subsídios para contribuir para a prática de profissionais de saúde, em especial terapeutas ocupacionais, que atuam com esta população.

A exposição se mostrou eficaz ainda para sensibilizar os trabalhadores do hospital, favorecendo que possam desenvolver um olhar mais atento às vivências difíceis e necessidades das crianças e adolescentes hospitalizados e praticar, conseqüentemente, uma atuação mais humanizada em saúde.

## Referências

- ALDISS, S. *et al.* What is important to young children who have cancer while in hospital? **Children & Society**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 85-98, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1099-0860.2008.00162.x>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ALMEIDA, M. V. M. **Corpo e arte em terapia ocupacional**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004. 164 p.
- AZEREDO, Z. *et al.* A família da criança oncológica: testemunhos. **Acta Médica Portuguesa**, Lisboa, v. 17, n. 1, p. 375-380, 2004. Disponível em: <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/viewFile/1110/775>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BJÖRK, M.; NORDSTRÖM, B.; HALLSTRÖM, I. Needs of young children with cancer during their initial hospitalization: an observational study. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 210-219, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16766686/>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- CICOGNA, E. C. **Crianças e adolescentes com câncer: experiências com a quimioterapia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-29102009-141647/pt-br.php>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- FRANÇANI, G. M. *et al.* Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s. l.], v. 6, n. 5, p. 27-33, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/6dfx73TmRLC9vCkKjtfBHvd/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- FURTADO, M. C. C.; LIMA, R. A. G. Brincar no hospital: subsídios para o cuidado de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 364-369, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/X34n6d6SSb7jJRvqR6sQBGs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2023.
- GARIÉPY, N.; HOWE, N. The therapeutic power of play: examining the play of young children with leukaemia. **Child: care, health & development**, [s. l.], v. 29, n. 6, p. 523-537, 2003. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14616910/>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- GOMES, I. P. **Influência do ambiente na percepção das crianças em quimioterapia ambulatorial**. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5093>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- GRIGOLATTO, T. *et al.* Intervenção terapêutica ocupacional em CTI pediátrico: um estudo de caso. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 37-46, 2008. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/131>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LEMOS, F. A.; LIMA, R. A. G.; MELLO, D. F. Assistência à Criança e ao Adolescente com Câncer: a fase da quimioterapia intratecal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 485-493, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/k7LDfQdGBT6TVN5TPBMyzmh/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LIBERMAN, F. Trabalho corporal, música, teatro e dança em Terapia Ocupacional: clínica e formação. **Revista Cadernos**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 39-43, 2002. Tema: Terapia Ocupacional: produção de conhecimento e responsabilidade social. Disponível em: <https://conectato.files.wordpress.com/2012/04/artigo-3.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

LIMA, R. A. G. *et al.* A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 186-193, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/Cgr9jdzjj8QvCzsbWZHkjwB/?lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1277-1284, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GbJSrdnVGFm8g5wybJYxtKP/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2023.

MORAES, M. C. A. F.; BUFFA, M. J. M. B.; MOTTI, T. F. G. As atividades expressivas e recreativas em crianças com fissura labiopalatina hospitalizadas: visão dos familiares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 453-470, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/3VMGzBWYxfYptJXTVvXMGN/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PEDROSA, A. M. *et al.* Diversão em movimento: um projeto lúdico para crianças hospitalizadas no Serviço de Oncologia Pediátrica do Instituto Materno Infantil Prof. Fernando Figueira, IMIP. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 7, n. 1, p. 99-106, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/v6dh7CjDxXjNqMDQ4BmDPYF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PFEIFER, L. I.; MITRE, R. M. A. Terapia Ocupacional, dor e cuidados paliativos na atenção à infância. In: DE CARLO, M. M. R. P.; QUEIROZ, M. E. G. (org.). **Dor e cuidados paliativos: Terapia Ocupacional e interdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Roca, 2008. p. 258-287.

QUIRINO, D. D. **Cotidiano da família no enfrentamento do câncer infantil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5098>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SARMENTO, M. J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 27-60.

SILVA, A. F. *et al.* Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: percepções, saberes e práticas na perspectiva da equipe multiprofissional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 56-62, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/v7mLR86DTXnKrLCzJ9Cddsx/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SPOSITO, A. M. P. *et al.* O melhor da hospitalização: contribuições do brincar para o enfrentamento da quimioterapia. **Avances en Enfermería**, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 328-337, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-973976>. Acesso em: 10 jan. 2023.

TAKATORI, M.; OSHIRO, M.; OTASHIMA, C. O hospital e a assistência em Terapia Ocupacional com a população infantil. In: DE CARLO, M. M. R. P.; LUZO, M. C. M. (org.). **Terapia Ocupacional: reabilitação física e contextos hospitalares**. São Paulo: Editora Roca, 2004. p. 256-275.

VALLADARES, A. C. A.; SILVA, M. T. A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 443-450, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/qLSdNczBwvKHbXQzf3sMBLf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2023.

WAVREK, B. M. Hospital services. In: CASE-SMITH, J. **Occupational Therapy for Children**. St Louis: Mosby, 2000. p. 868-889.

## Fonte de financiamento

Recursos próprios.

## Contribuição dos autores

Amanda Mota Pacciulio Sposito — elaboração do texto, coleta e análise dos dados, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Luzia Iara Pfeifer — elaboração do texto, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Maria Paula Panúncio-Pinto — análise dos dados, elaboração do texto, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

## Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses.

## Responsabilidade editorial

Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, Mariangela Kraemer Lenz Ziede  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

Recebido em: 20/02/2023

Aceito em: 03/04/2023

Publicado em: 02/05/2023